

O ETHOS NOS DISCURSOS DA MADRASTA NO CONTO BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES

Maria Cristina Andrade de Moura¹

INTRODUÇÃO

O homem tem várias formas de expressar os seus sentimentos, suas vontades e suas ideias. Os contos de fadas sempre foram parte desse universo onde os seres humanos expõem seus mais puros e profundos sentimentos. Esse fato é respaldado pela realidade vivida por cada escritor de contos de fadas, levando em consideração o contexto em que cada um estava inserido no momento da criação. Assim, através do conteúdo expresso e apresentado por cada conto, a humanidade foi conhecendo o universo e sendo encantada por suas histórias que mais do que divertir tinham a intenção de moldar, de formatar uma sociedade.

Tatar (2004, p. 9) deixa claro que

Quer tenhamos ou não consciência disso, os contos de fadas modelaram códigos de comportamento e trajetórias de desenvolvimento, ao mesmo tempo em que nos forneceram termos com que pensar sobre o que acontece em nosso mundo.

Assim, é fundamental que tenhamos consciência do papel dos personagens e como as imagens que são transmitidas aos leitores são importantes para a formação de um estereótipo de caráter que vai servir de parâmetro para a sua conduta. Dessa forma, os personagens, ao ganhar vida, ao se expressarem, entram em contato com suas características mais íntimas e, através dos diversos discursos, dos ditos, transmitem esse legado aos leitores que, dentro do que é visto, formatam uma imagem mental representativa do que a personagem transmite.

Levando em consideração a importância do conto Branca de Neve e os Sete Anões, escrito por Jacob e Wilhelm Grimm, irmãos Grimm, na Alemanha, em 1812, para a literatura infantil e reconhecendo a antagonista, a rainha, a madrasta má, como um personagem rico em discursos representativos de um lado presente em algumas

¹ Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa do Discurso UFBA (NUPED) . Mestranda em Educação USAL Especialista em Coordenação Pedagógica CEPOM. Especialista em Psicopedagogia Universidade Internacional de Curitiba. Licenciatura em Letras UCSal. Currículo Lattes disponível em <http://lattes.cnpq.br/6270678020607159>
E-mail: cristina.a.moura@gmail.com

pessoas, esse artigo fará uma análise da imagem de si mesmo passada pela algoz de Branca.

O ethos

Para a retórica, criada por Aristóteles, o indivíduo que se expressa é chamado de locutor e aquele que recebe a informação é chamado de auditório. Para a Análise de Discurso de Linha Francesa, que norteou a escrita deste artigo, eles são chamados de enunciador e coenunciador respectivamente. Na AD, o enunciador e o coenunciador envolvem-se na relação de linguagem que, a partir das ideologias, fazem com que os sentidos apareçam. Assim, a presença do enunciador e do coenunciador traz a ideia da existência de um enunciado.

Maingueneau (2000, p. 54) diz:

Em um nível superior, *enunciado* é frequentemente considerado como um equivalente de *texto*, ou seja, como uma sequência verbal relacionada com a intenção de um mesmo enunciador e que forma um todo dependente de um gênero de discurso determinado: um boletim meteorológico, um romance, um artigo de jornal etc.

Entretanto, o próprio Maingueneau em parceria com Charaudeau (2012, p. 198) reflete sobre a existência ou não de um enunciado a partir da presença do enunciador e do coenunciador.

Essa primeira oscilação da noção de enunciador atravessa uma outra: pode-se considerar “o enunciador” a instância produtora do enunciado ou somente como um efeito de enunciado. Se admitimos a primeira perspectiva, não seria possível haver enunciado sem enunciador, se admitimos a segunda, nada impede que se fale de enunciado sem enunciador: há, em realidade, enunciados, e uma figura de enunciador neles se manifesta ou não, segundo a maneira como se manifesta o enunciado. É particularmente na reflexão narratológica que se verifica um debate recorrente sobre a possibilidade de definir as narrativas não embreadas, sem marcas de subjetividade, como narrativas sem enunciador.

A partir de um enunciado, passado por um discurso, os indivíduos conseguem transmitir um pouco do que pensam, do que desejam, do que são. Amossy (2011, p. 9) afirma que “Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si.” Porém, não é necessário que o enunciador fale de si mesmo explicitamente. Não há necessidade de expor sua vida, sua intimidade. No próprio discurso, o enunciador traz, implicitamente, a imagem que tem de si mesmo, independentemente da vontade, do desejo de fazê-lo. Essa imagem de si mesmo no discurso foi chamada por Aristóteles de ethos.

No conto Branca de Neve e os Sete Anões, a personagem da Rainha má, da madrasta de Branca, quando recebe do espelho a resposta “Ó minha Rainha, sois muito bela ainda, /Mas Branca de Neve é mil vezes mais linda”, passa a perseguir o objetivo

de matar Branca. Em função desse fato, vários são os aspectos hediondos da sua personalidade que vêm à tona e que formam o ethos tão bem corporificado.

Na antiguidade, o filósofo Aristóteles, através da obra *Retórica*, estabeleceu três provas produzidas pelo discurso: *logos* (o próprio discurso), *ethos* (a imagem de si mesmo que é passada) e *pathos* (o sentimento que é despertado no receptor). Ainda, nessa mesma obra, estabelece o *ethos* como a mais importante delas. Para ele, o auditório somente será persuadido se houver interesse, paixão (*pathos*), despertado pela forma de dizer, pelo que for dito (*logos*) a partir do caráter (*ethos*) do locutor.

Segundo Aristóteles (1998, p. 49):

Persuade-se pelo caráter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé. Pois acreditamos mais e bem mais depressa em pessoas honestas, em todas as coisas em geral, mas sobretudo nas de que não há conhecimento exacto e que deixam margem para dúvida.

Assim, na *Retórica*, o locutor, quando cria uma boa impressão no auditório, utiliza-se do *ethos* positivo. Enquanto que, quando cria uma impressão de medo, de discórdia, de sentimentos ruins, dá vez ao *ethos* negativo.

No conto, a escolha da madrasta ao disfarçar-se de uma velha vendedora ambulante, duas vezes, e de uma camponesa revela um desejo de ser aceita. A madrasta má queria passar uma imagem positiva, pois desejava ser convincente. Branca deveria acreditar em seu discurso. O *ethos* positivo era exercitado pela madrasta, apesar de o leitor saber que era mais uma forma de maldade, o que ressalta o *ethos* negativo.

Para Aristóteles, os locutores merecem confiança por apresentarem três aspectos: prudência, virtude e benevolência. Eggs (2011, p. 32) informa:

Notemos inicialmente que as traduções *prudência*, *virtude e benevolência* são de Dufour, mas o contexto permitiria também uma tradução explicativa mais moderna:

Os oradores inspiram confiança, (a) se seus argumentos e conselhos são sábios e *razoáveis*, (b) se argumentam *honestamente e sinceramente*, e (c) se são *solidários e amáveis* com seus ouvintes.

Assim, percebe-se a importância que tem o auditório na percepção do *ethos* que é passado, que se apresenta através de um discurso. Entretanto, também é real que existe uma formação de *ethos* antes do discurso. Existem informações que são transmitidas, muitas vezes, antes do pronunciamento, antes do locutor se pronunciar. Maingueneau (2011, p. 71) esclarece:

Se o *ethos* está crucialmente ligado ao ato da enunciação, não se pode ignorar, entretanto, que o público constrói representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale. Parece, pois, necessário estabelecer uma primeira distinção entre *ethos* discursivo e *ethos* pré-discursivo...

Só o primeiro corresponde à definição de Aristóteles... Certamente há tipos de discurso e circunstâncias para os quais não se presume que o

coenunciador disponha de representações prévias do ethos do enunciador: por exemplo, quando abre um romance. Mas as coisas são diferentes no domínio político, por exemplo, quando os enunciadores, que ocupam constantemente a cena midiática, são associados a um ethos que cada enunciação pode confirmar ou infirmar.

É fundamental que tenhamos a certeza de que o coenunciador faz suas inferências a partir do primeiro aspecto que lhe é revelado sobre o discurso que ouvirá. Nesse sentido, é levado em conta não só o aspecto do contexto em que está envolvido o enunciador, mas, também, o gênero a que faz parte o enunciado que será dito. Maingueneau (2011, p. 71) ainda diz que “De fato, mesmo que o coenunciador não saiba nada previamente sobre o caráter do enunciador, o simples fato de que um texto pertence a um gênero de discurso ou a um certo posicionamento ideológico induz expectativas em matéria de ethos.”

Um dos grandes exemplos do que acabamos de dizer é a relação entre leitores e contos de fadas. Cada um dos contos traz um contexto que não é revelado imediatamente, mas vai sendo tecido juntamente com todos os outros elementos da narrativa. Entretanto, ao saber que estará diante de um texto que pertence ao gênero mencionado, o coenunciador já faz inferências sobre a imagem de cada personagem. Quando os personagens entram no conto, eles já são aguardados pelos coenunciadores que já os esperam, pois são próprios do gênero.

A madrasta de Branca de Neve ilustra muito bem o que foi mencionado. Ao perseguir Branca, personagem órfã, desprotegida e inocente, ela apresenta ao leitor uma face negativa da sua personalidade. O ethos apresentado é composto pelo contexto, pela intenção de matar uma inocente e pela ambição.

Assim, o ethos pré-discursivo torna-se importante para a formação do ethos discursivo. Durante todo o conto, nas mais diversas cenas, a figura da madrasta antecipa o seu discurso. As roupas, a necessidade de saber se era a mais bonita, se existia uma concorrente, fornece ao leitor elementos que o fazem saber quais as características reais da personagem. Essa corporificação das características amplia a estrutura que forma o ethos, pois, referendando os elementos que compõem o discurso, existe uma figura que é a encarnação do próprio ethos.

O fiador

Além da existência do ethos discursivo e do pré-discursivo, é importante salientar o que diz Maingueneau (2008, p. 17): “a noção de ethos, que mantém um laço crucial com a reflexividade enunciativa, permite articular corpo e discurso para além de uma oposição empírica entre oral e escrito.” Assim, é facilmente detectado que existe

uma imagem corporificada e criada na imaginação do coenunciador a partir de elementos trazidos pelo enunciado. Dessa maneira, aparece uma figura que representa o ethos corporificado: “o fiador”.

Heine (2011, p. 155) afirma que “a figura do fiador é fundamental para a construção do ethos, uma vez que a imagem mental do fiador, construída pelos coenunciadores, influencia na criação do ethos efetivo do enunciador.”

É importante ressaltar que o fiador corresponde a uma figura de componente ético. Ele é composto do caráter que é passado pelos elementos físicos, sociais, psicológicos e pelo tom apresentado que ajudam a corporificar o ethos.

Aqui cabe esclarecer que o tom é um dos elementos que formam o ethos. Não só o tom de voz, mas o tom no sentido lato. Aquilo que caracteriza o ritmo, a ação. Assim, pode-se afirmar que o tom de voz está presente mesmo em um texto escrito, pois existem marcas linguísticas que possibilitam a análise da oralidade presente na fala da personagem.

Segundo Maingueneau (1989, p.45),

Em primeiro lugar, precisa afastar qualquer preocupação “psicologizante” e “voluntarista”, de acordo com a qual o enunciador à semelhança do autor, desempenharia o papel de sua escolha em função dos efeitos que pretende produzir sobre seu auditório. Na realidade, do ponto de vista da AD, esses efeitos são impostos, não pelo sujeito, mas pela formação discursiva. Dito de outra forma, eles se impõem àquele que, no seu interior, ocupa um lugar de enunciação, fazendo parte integrante da formação discursiva, ao mesmo título que as outras dimensões da discursividade. O que é dito e o tom como é dito são igualmente importantes e inseparáveis.

Assim, no conto Branca de Neve e os sete anões, na passagem em que a madrasta está diante do espelho, vários são os elementos que permeiam a construção do ethos. Ao ler os versos “Espelho, espelho meu, /Existe outra mulher mais bela do que eu?” o leitor ou coenunciador estabelece na imaginação a figura que representa esse discurso. O tom de vaidade, de arrogância é percebido e, mentalmente, são estabelecidas características que formatam o fiador, a imagem corporificada do ethos. O fiador respalda a ideia que é feita. Esse fato justifica a imagem que todos fazem da rainha, da madrasta de Branca. Mulher alta, arrogante, cruel, perversa, que usa roupas pesadas e luxuosas, muitas joias e com uma imponência no andar. Todas essas características são percebidas a partir dos discursos da personagem com o espelho, com o caçador e com a própria Branca.

Ao escolher um disfarce para encontrar-se com Branca e envenená-la, a rainha opta por encarnar a figura de uma velha, desprovida de força e de maldade. Entretanto,

o leitor, a partir de elementos pré-discursivos mostrados ao longo do conto, estabelece mentalmente a figura de maldade e perversidade que compõe uma figura estereotipada diferente do que ela quer passar para Branca. O discurso entre a “velhinha” vendedora do pente e Branca é uma construção equivocada do ethos positivo. Na realidade, a madrasta, quando entra em contato com Branca é para enganá-la transvertida de uma personalidade pura, inocente, boa e doce. Entretanto, o veneno é um elemento que ajuda a desconstruir o falso ethos e apresenta o verdadeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As imagens passadas pela madrasta servem de exemplos para que possamos entender a importância da caracterização para a formatação de uma imagem, o fiador, que é a encarnação do próprio ethos, a imagem si mesmo passada por ela. Ao questionar constantemente o próprio espelho sobre a sua beleza, ao persuadir o caçador a levar Branca de Neve para matá-la, ao disfarçar-se para enganar Branca, a madrasta vai compondo a imagem de si mesma e fornecendo ao leitor elementos que fazem com que uma a verdadeira caracterização moral da personagem seja feita. Assim o ethos compõe um dos elementos essenciais para a interpretação e compreensão do que é lido e percebido pelo auditório, pelos leitores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, Ruth. *Da noção retórica de ethos à análise do discurso*. In: _____. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2011.p. 9-28.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Introdução de Manuel Alexandre Júnior. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

EGGS, Ekkehard. *Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna*. In: AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2011. P. 29-56.

Heine, Palmira. *A construção do ETHOS da garota adolescente na revista Capricho*. In: _____. Heine, Lícia M. Bahia(Orgs.). *Entre o texto e o discurso*. Simões Filho: Kalango. 2011. p. 141-164.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*.Campinas: Pontes, 1989.

_____. *Termos-chave da análise do discurso*. 1ª reimpressão, tradução Márcio Venício Barbosa, Maria Emília Amarante Torres Lima. Belo Horizonte : UFMG, 2000.

_____. *A propósito do ethos*. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-29.

_____. *Ethos, cenografia, incorporação*. In: AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2011. P. 69-92.

TATAR, Maria. *Contos de fadas: edição comentada e ilustrada*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.